

CHARTRES OU AS PAZES COM A EUROPA

Jorge Fazenda Lourenço*

“Chartres ou as pazes com a Europa” faz parte da secção “Notas de um regresso à Europa (1968-69)” de *Peregrinatio ad loca infecta* (1969), colectânea do “diário poético” em que Jorge de Sena regista, através de um dispositivo cronológico, narrativo, os poemas dos seus três exílios. O poema é escrito no dia 10 de novembro de 1968, aquando da visita do poeta à catedral, lugar de peregrinação de grandes tradições. É o primeiro poema que escreve em solo europeu, após nove anos de exílio.

A invocação de Charles Péguy, célebre pelos seus poemas de peregrinação a Chartres, surge logo no primeiro verso e tem relação com um postal enviado a Ruy Cinatti. Nesse postal, Jorge de Sena cita dois versos da “Présentation de la Beauce à Notre-Dame de Chartres”, invertendo a sua ordem e criando uma mensagem nova: “où la mort a passé, passera bien la grâce” (v. 52) / “Étoile de la mer voici la lourde nappe” (v. 1). A toalha tem aqui um sentido sagrado (a toalha do altar) e profano (a toalha da mesa em que o poeta se senta para restaurar o corpo e a mente).

Desde o primeiro verso, Jorge de Sena estabelece com Charles Péguy uma conversação em torno das questões do exílio e da memória (ou do esquecimento), das raízes e das identidades culturais, dos seus saberes e sabores.

Num primeiro momento, no peristilo do poema, o poeta português apostrofa o poeta francês e faz-lhe uma breve confissão. Uma confissão entre pares, pois ambos são poetas-peregrinos. Nós, leitores, somos os destinatários extradiegéticos.

Num segundo momento, o poeta português descreve (a Péguy e aos leitores) o seu almoço num pequeno hotel. Uma cena que representa um misto de Arcádia e de *carpe diem*, num clima geral de bem-aventurança. Se

esquecermos a falta de luxo do hotel, podemos dizer, como Charles Baudelaire, no seu “*L’invitation au voyage*”, que “*Là, tout n’est qu’ordre et beauté, / [...] calme et volupté*”. Este regresso à Europa pela via dos sentidos é o que faz esquecer ao poeta a rudeza da sociedade de consumo norte-americana. A nostalgia que perpassa pelos versos é mesmo objecto de uma auto-ironia, que o uso do francês reforça: “Estou a ficar gagá, *tout doucement*”.

O terceiro momento, coincidente com a segunda estrofe do poema, é introduzido por um advérbio de tempo (“Depois”), simulando a continuação de uma narrativa. O poeta dirige progressivamente a atenção (a sua e a nossa) do exterior (da praça) para o interior da catedral, num movimento do olhar que vai do profano para o sagrado, mantendo, contudo, uma atmosfera sacro-profana. Esta transição entre o exterior e o interior, entre o profano e o sagrado, é feita através de um paralelo inusitado, irónico, entre o *veau flambé* da refeição e os vitrais da catedral, apresentados como dois objectos de arte da civilização... E tudo culmina no interior do templo, na cripta, com uma metamorfose.

A segunda estrofe do poema contém ainda uma surpreendente metáfora da androginia divina: a “flecha erguida sobre a Beauce” como imagem viril de Nossa Senhora (“*Nôtre-Dame*”). E, numa nota ao poema, Jorge de Sena lembra que “a catedral foi construída sobre um templo pagão da Deusa-Mãe, absorvido na sua cripta, tal como Nossa Senhora foi identificada com ela”. Podemos ainda acrescentar que na sua construção estão incorporados diversos símbolos alquímicos e maçónicos. Aspectos que interessam a um poeta sempre atento a esoterismos, a sincretismos religiosos, à co-presença do sagrado e do profano na vida quotidiana.

Finalmente, na terceira estrofe, assistimos à euforia do reconhecimento, num dos raros poemas felizes de Jorge de Sena. Epílogo que confirma palavras suas, como estas dirigidas a Eduardo Lourenço, mas que podemos reencontrar alhures: “Seis anos de Brasil, e dois de América [...],

convenceram-me irremediavelmente de que sou europeu (do que nunca tive dúvida)” (carta de 16 de novembro de 1967).

Estas notas, mais desenvolvidas e com um outro enquadramento, foram extraídas de uma conferência inédita, realizada em Lyon, em 17 de setembro de 2015, que penso retomar neste centenário de Jorge de Sena.

2019, abril

* Poeta e professor de literatura. Em 1993, doutorou-se pela Universidade da Califórnia, em Santa Barbara, com um estudo sobre a poesia de Jorge de Sena. Entre 2009 e 2016, foi coordenador-editor das *Obras Completas* de Jorge de Sena na Guimarães Editores (12 volumes publicados). Publicou cinco colectâneas de poemas e oito livros sobre Jorge de Sena. Traduziu E. E. Cummings (*xix poemas*, 1991; 2.ª ed., 1998), Wallace Stevens (*Harmónio*, 2006) e Charles Baudelaire (*O spleen de Paris*, 2007), de quem organizou e prefaciou uma antologia de ensaios (*A Invenção da Modernidade*, 2006). Últimas obras: *Cutucando a musa com verso longo e curto e outras coisas leves e pesadas* (2009), *Matéria cúmplice. Para Jorge de Sena* (2012), *Azores da poesia* (2018), *O essencial sobre Jorge de Sena* (2.ª ed., revista e aumentada, 2019). A editar, ainda em 2019, pela Imprensa Nacional: 3.ª edição de *A poesia de Jorge de Sena: testemunho, metamorfose, peregrinação* (1998).